

Reflexões psicanalíticas à utilização da dança livre como recurso psicoterapêutico

*Psychoanalytical reflections to the use of free
dance as a psychotherapeutic resource*

Raphael Edson Dutra¹ e Maíra Bonafé Sei²

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar um relato de experiência sobre a utilização da dança livre como instrumento em *setting* psicoterapêutico. Trata-se de um estudo descritivo, de natureza qualitativa, cujo tratamento dos dados deu-se pelo aporte psicanalítico winnycottiano. A experiência foi realizada com 25 estudantes de graduação em uma oficina de dança e psicanálise ministrada em um evento de prevenção à saúde mental dos discentes. Concluiu-se que o movimento e dança podem ser recursos interessantes para promover o gesto, pois a linguagem gestual pode ser incluída dentro do espaço potencial e produzir criações que auxiliam na associação de conteúdos inconscientes, promovendo, em meio ao brincar, a manifestação do verdadeiro *self* e do gesto espontâneo.

Palavras-chave: Dança; Psicoterapia; Psicanálise.

Abstract: This paper aims to present an experience report about the use of free dance as an instrument in psychotherapeutic setting. This is a descriptive study of a qualitative nature, whose treatment of data was given by the Winnicottian psychoanalytic input. The experiment was conducted with 25 undergraduate students in a dance and psychoanalysis workshop held at a student Mental Health prevention event. It is concluded that movement and dance can be interesting resources to promote gesture, because sign language can be included within the potential space and produce creations that help in the association of unconscious contents, promoting, through play, the manifestation of the true self and spontaneous gesture.

Keywords: Dance; Psychotherapy; Psychoanalysis.

Introdução

A partir da história da humanidade, notamos que os seres humanos, via de regra, se relacionam com o espaço-tempo de suas realidades por meio de

recursos intermediários que os auxiliam na busca de significados e na construção de sentidos aos fenômenos que os cercam. Neste contexto, estabelecem relações com os objetos, externos e internos, produzindo efeitos na realidade objetiva que, em certa forma, transcrevem também suas vivências individuais.

¹ Psicólogo, Bacharelado em Psicologia e formação de Psicólogo (2015); Mestre em Psicologia (Universidade Estadual de Londrina – 2019) – Ênfase em processos clínicos e Psicanálise; Psicólogo Clínico no contexto particular desde 2016. E-mail: raphaelson15@gmail.com .

² Psicóloga, Bacharelada em Psicologia e formação de psicólogo (USP-2002); Mestrado (2004), Doutorado (2009) e Pós-Doutorado (2017) em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP); Docente do curso de Psicologia e Programa de pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mairabonafe@gmail.com .

Dentre os recursos utilizados pelos sujeitos para a produção de sentidos, destacamos a dança. Como afirma Ossona (1988), antes de subir aos palcos e entreter o público, a dança “foi o primeiro transbordamento emotivo, manifestação desordenada dos tremores, afetos, iras e recusas” (p. 42).

Para Ossona (1988), antes que a dança fosse submetida para sua forma teatralizada e aos espetáculos, enquanto o gesto era sistematizado e reorganizado, o corpo movia-se pela espontaneidade atraída pelo ritmo. Neste primitivo estado da dança, os gestos expressavam a necessidade direta dos povos que, por meio da imitação dos elementos naturais e dos animais, sujeitavam a natureza e as divindades aos próprios desejos do grupo (Ossona, 1988). Com o decorrer das eras, a dança foi educada para se adaptar às organizações e necessidades humanas, no que se referiam ao “conjuro mágico, rito, cerimônia, celebração popular e por fim simples diversão” (Ossona, 1988, p.42).

De qualquer modo, a história da dança, brevemente apresentada, mostra-nos a utilização de recursos corporais gestuais como parte do arsenal disponível para a comunicação individual e social dos seres humanos. Por meio dos gestos, as aspirações singulares e coletivas personificam-se e registram na tradição os modos de sentir e viver de cada época.

Atualmente, a dança possui diversas formas que se subdividem em modalidades de movimento e, em cada modo de dançar, se encontra a representação e historicidade dos momentos a partir dos quais foram criadas. Com isso, semelhante ao uso feito pelos povos no decorrer do tempo, a dança, nos dias atuais, também pode servir como recurso expressivo das emoções e aspirações dos indivíduos, sendo encontrada em diferentes contextos, como nas danças religiosas, danças de palco, dança como diversão em festas, dança como atividade física para aprimorar a força muscular e consciência corporal e, alvo principal de nosso interesse, a dança como intervenção terapêutica para o melhoramento da qualidade de vida psíquica, como socialização e autoestima (Marbá, Silva & Guimarães, 2016; Lima & Silva-Neto, 2011).

Em sua face terapêutica, em seu sentido geral, a dança pode auxiliar em processos individuais significativos, como a autopercepção e o convívio com outras pessoas. Porém, acreditamos que, quando devidamente remanejada, a dança pode compor os recursos artísticos disponíveis para a facilitação do processo psicoterapêutico. Entende-se que, com esta atividade, seria possível promover um espaço para a livre manifestação do inconsciente, em forma de linguagem gestual e para a elaboração de conteúdos emocionais conflitivos que venham a surgir a partir do gesto, como mostraram os trabalhos de Valdivia (2010) e Vermes e Incze (2012).

Embora expomos, por meio dos autores citados, a característica expressiva e recursos analíticos que podem estar contidos no movimento, é preciso que se faça uma diferenciação significativa do uso da dança em sua face terapêutica e, especificamente, psicoterapêutica. Como já nos mostraram Dutra e Sei (2018), o dançar em si é terapêutico, pois proporciona sensações corporais prazerosas e bem-estar emocional, porém, a categorização da dança nas intervenções do campo “psi” só seria possível por meio do “manejo técnico adequado para a ressignificação de conteúdos mais profundos, sendo mediado por um profissional habilitado, capaz de encaminhar a transferência emergida” (Dutra & Sei, 2018, p. 34). Em outros termos, a dança só pode ser psicoterapêutica ao passo que é intermediada pela técnica e manejo clínico adequado, e por profissionais das áreas da Psicologia e da Psicanálise. Nestas condições, em nossa perspectiva, a dança pode ser utilizada como instrumento para auxiliar no progresso do processo saúde/doença de pacientes, seja individualmente ou em grupo, como apontou o trabalho de Castanho

(2017). Como nos mostra Lima e Silva-Neto (2011, p.42), “A dança também traz em sua essência a possibilidade de criação. Uma característica bastante necessária dentro do trabalho psicológico”.

Portanto, aqui, objetivamos apresentar um relato de experiência profissional no qual a dança se apresenta como recurso psicoterapêutico. Assim, realizada com estudantes de graduação de diversos cursos das áreas do conhecimento em uma semana de prevenção à saúde mental, a intervenção buscou favorecer a reflexão de caminhos alternativos e criativos para as angústias e ansiedades vivenciadas pelos estudantes no meio acadêmico. Mas, também objetivou habilitar, brevemente, o ego para reconhecer o adoecimento do corpo e o psiquismo que poderia estar transscrito no movimento. O material advindo da experiência foi interpretado a partir do referencial psicanalítico winnicottiano.

Método

A investigação se organiza como um relato de experiência, configurando-se como um estudo descritivo de natureza qualitativa em Psicanálise. Para Gil (2002), este modelo de estudo se preocupa em descrever as especificidades de determinado fenômeno, individual ou coletivo. Além de reconhecer as possibilidades entre as dimensões, a pesquisa descritiva também pode fomentar uma nova perspectiva sobre determinado problema. Gil (2002) afirma que este tipo de investigação é frequentemente utilizada por “pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática” (p. 42). Em sua face com o âmbito de saúde, de modo geral, o método descritivo tem “por objetivo determinar a distribuição de doenças ou condições relacionadas à saúde, segundo o tempo, o lugar e/ou as características dos indivíduos. Ou seja, responder à pergunta: quando, onde e quem adoece?” (Lima-Costa & Barreto, 2003, p. 191).

Já a natureza qualitativa do estudo, segundo Minayo (1994), atém-se para questões particulares do fenômeno que não podem ser quantificadas, ou seja, “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos” (Minayo, 1994, p. 22). Nos estudos de caráter qualitativo, se envolve “a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos” (Godoy, 1995, p. 58).

As pesquisas que se assentam na metodologia da Psicanálise empêcham-se em identificar e reconhecer os fenômenos da realidade psíquica a partir da manifestação do inconsciente, pois “do ponto de vista da psicanálise, a realidade psíquica, ou o subjetivo, é o seu objeto de pesquisa, tendo o mesmo valor do objeto de pesquisa das ciências naturais” (Ceccarelli, 2012, p. 141). Neste sentido, pesquisa, intervenção e clínica psicanalítica não se dissociam, pois “o pesquisador está pessoalmente implicado em seu projeto e em que o sucesso terapêutico é função da corrente afetiva e libidinal que liga o analista e seu paciente (transferência e contra-transferência)” (Enriquez, 2005, p. 156). Neste contexto, a psicanálise enquanto ciência se desenvolveu como procedimento para “a investigação de processos psíquicos que de outro modo são dificilmente acessíveis; de um método de tratamento de distúrbios neuróticos, baseado nessa investigação” (Freud, 1923-2011, p. 274). Portanto, “todo o analista pesquisa” (Herrmann, 2004, p. 27).

Visto que a intervenção clínica e a pesquisa em psicanálise não se encontram separadas, no presente relato, a coleta de dados se deu a partir da

observação e identificação dos fenômenos inconscientes surgidos na relação transferencial com os integrantes, registrando os conteúdos no a posteriori em anotações e percepções do mediador e relato descritivo da sessão. Como procedimento de análise de dados, adotou-se o tratamento dos dados a partir do aporte teórico psicanalítico de Winnicott.

Aspectos éticos

Os dados dos fenômenos observados na intervenção profissional que aqui relatamos, seguiram as diretrizes éticas de pesquisas em ciências humanas e sociais dispostas na resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde, com ênfase nos artigos VII e VIII (Brasil, 2016). Objetivando impedir a identificação dos participantes da intervenção, optamos por não dar enfoque individual às experiências emergidas na atividade, portanto, manteremos o sigilo dos autores dos movimentos e daremos enfoque apenas ao fenômeno. Neste contexto, os dados que, de algum modo, poderiam revelar as identidades dos sujeitos foram retirados e/ou modificados para ocultar sua origem. Com isso, acreditamos manter o contrato estabelecido com o grupo, trazendo aqui apenas fenômenos clínicos que subsidiam, como também ampliam, reflexões psicanalíticas à dinâmica psíquica subjacente ao movimento, e não histórias individuais do âmbito privado.

Relato de experiência e reflexões psicanalíticas

Inicialmente, acreditamos ser necessária uma breve contextualização das condições nas quais o estudo foi realizado. Como posto, a intervenção acerca da qual nos referimos se organizou como uma oficina de dança e saúde mental realizada em uma semana de prevenção para discentes de cursos de graduação de diversas áreas em uma universidade pública do Sul do Brasil. Os estudantes foram convidados pelos organizadores do evento, sendo necessário ter sido efetuada uma inscrição simples para aqueles que desejassem participar. Em Psicanálise, sabemos que as escolhas, efetivamente, realizam-se primeiramente em instâncias inconscientes. Portanto, acreditamos que nem mesmo a escolha dos participantes pela oficina de dança, no rol de atividades disponíveis, é aleatória, mas sim o início do próprio processo psicoterapêutico impulsionado pelo desejo inconsciente.

No dia programado para a execução da oficina, tivemos o cuidado para nos certificar que o ambiente seria adequado para a atividade, no que se refere ao sigilo do espaço, às acomodações e colchonetes para os participantes. Assim, o grupo formou-se a partir dos inscritos e de outros sujeitos que manifestaram o desejo em participar no dia do evento. Contamos com aproximadamente 25 integrantes de ambos os sexos (masculino e feminino). Fechada a porta, e consequentemente a entrada de novos participantes, iniciamos as atividades com as apresentações de cada sujeito, com o intuito de promover, mesmo que de modo simples, o alívio de uma parcela das ansiedades e uma primeira etapa para o reconhecimento e identificação entre os próprios membros para a formação de um grupo terapêutico.

Assim, após o *rappor* inicial e a verbalização do contrato de sigilo e de não julgamento, semelhante ao realizado no *setting* psicanalítico, as atividades foram divididas em três momentos que objetivavam fomentar um ambiente de acolhimento e favorecer a manifestação espontânea do verdadeiro *self*. Com isso, as atividades realizadas, em termos de Winnicott (1975), seriam semelhantes aos jogos organizados que almejam, por recurso da atividade

lúdica, de um brincar, entrar em contato com possibilidades de criações que podem ser vivenciadas na terceira área de vida, o espaço potencial.

Na teoria do brincar e da criatividade, Winnicott (1975) afirma que a criança, no começo, brinca apenas consigo mesma, observada sobre os cuidados do adulto, para em seguida conseguir brincar em grupo. Da capacidade de estar só para o brincar compartilhado, a criança arrasta para dentro de seu espaço potencial, para o jogo, elementos da realidade psíquica e da realidade objetiva. Esta dinâmica dá-se pelo reconhecimento do ambiente como sendo confiável e seguro, circunstâncias essenciais para a atividade do brincar e consequentemente para a criação, sendo esta uma das condições para a saúde psíquica e emocional (Winnicott, 1967-1999). Nesta perspectiva, na primeira etapa do jogo com dança, solicitamos que todos os participantes retirasse os calçados. Nós também retiramos e pedimos que todos se sentissem à vontade no espaço, identificando cada aspecto da sala e dos colegas que estavam participando. Com isso, os membros passaram a se cumprimentar e estabelecer um diálogo preliminar entre si. Neste momento, ocorreu um processo inicial de identificação, pois os participantes partilharam os cursos junto aos quais faziam parte, bem como brincaram com o fato de poucos terem aptidões para a dança, com isso riram de si mesmos e com os colegas. Em outros termos, iniciaram uma experiência com o brincar, no sentido winniciotiano, em um espaço compartilhado e seguro.

A aparente simples ação de retirar os sapatos, ao observador externo, poderia ser questionada em termos de relevância, ou mesmo de fundamento consistente para a dinâmica psicoterapêutica. Entretanto, recorrendo brevemente à prática clínica no consultório, notamos que o sentimento de relaxamento e confiabilidade em nossos pacientes se apresenta de diversas formas possíveis. Neste contexto, percebe-se que o ápice do conforto do sujeito em sessão pode ocorrer quando o paciente retira seus calçados e coloca os pés sobre o divã ou sofá. Na oficina, os elementos que se sucederam demonstraram que nossa solicitação, por mais trivial que pudesse parecer, desencadeou dois tipos de dinâmicas psíquicas: 1) O favorecimento da sensação de relaxamento, confiabilidade e de estar à vontade no ambiente; 2) Pode ter corroborado para o “nívelamento” entre os pares de modo a reforçar o sentimento de pertencimento de grupo, ou seja, as pequenas diferenças dariam espaço para a identificação grupal.

Embora nossos esforços, desde o início do encontro, tenham beneficiado a formação de um grupo que poderia brincar e criar juntos em uma zona intermediária de vida, a teoria de Winnicott (1975) nos mostra que primeiro a criança brinca sozinha. Neste sentido, propusemos, ainda na primeira parte da intervenção, uma sequência de alongamento básico para que os participantes começassem a utilizar o movimento como forma expressiva, “brincando” sozinhos, primeiramente. Nesta etapa, mesmo que estivessem em coletividade, a experiência com o corpo, as sensações dele derivadas, e o movimento foram realizados de modo “individual”. Enquanto tentavam executar o movimento, os integrantes, pela via do humor, relatavam o quanto eram “travados”. O clima bem-humorado deste momento da intervenção seria, aos moldes de Winnicott (1975), uma manifestação do brincar do adulto por meio da escolha das palavras e do senso de humor. Em termos freudianos, o humor se instalaria como um afrouxamento da pressão superególica contra o ego. Em ambas as concepções, encontramos uma saída saudável e criativa para as angústias e ansiedades dos participantes. Do mesmo modo que o cuidador observa a criança que brinca, o mediador auxiliou individualmente os participantes, com o intuito de evitar qualquer tipo de lesão muscular, como também para fomentar o sentimento de confiabilidade e segurança, pois, como nos indica Winnicott (1975), a criança

e adulto só brincam em um ambiente de segurança e quando o mediador se encontra aberto para ser “brincalhão”.

Em seguida, na segunda parte, pedimos que o grupo se dividisse em duplas, sendo essencial que o parceiro ou parceira não fosse do seu ciclo de amizades corriqueiro. Nesta atividade, o grupo foi convidado a auxiliar o colega em exercícios de alongamento que necessitavam do estabelecimento de certo contato e grau de confiança, embora não colocasse, de qualquer forma, a integridade física do sujeito em situação de vulnerabilidade ou insegurança. Nossa intenção, neste aspecto, se assemelha à transição do bebê em brincar só na presença da mãe para o brincar compartilhado em um relacionamento. Neste sentido, em nosso caso, esta dinâmica se deu na passagem da brincadeira solo (alongamento individual) para a brincadeira compartilhada (alongamento em duplas). Com isso acreditamos ter facilitado um ambiente sustentável que estivesse aberto às associações livres que do grupo poderiam derivar.

Ao término dos dois primeiros exercícios, que objetivavam preparar o ambiente para o brincar psicoterapêutico, identificamos que o grupo passou a funcionar efetivamente a partir de uma dinâmica grupal, na qual os elementos de confiança, de relaxamento e de identificação poderiam abrir caminho para a comunicação de aspectos emocionais significativos por meio do movimento e da dança. Estabelecidos os vínculos preliminares, adentramos ao jogo no qual, com maior liberdade, o ambiente iria permitir a manifestação do verdadeiro *self* do gesto espontâneo. Na última etapa do “jogo”, de modo natural, como em um gesto espontâneo coletivo, os integrantes sentaram-se no chão da sala em formato de roda, o que nos lembrou o trabalho de Castanho (2017) e a utilização das danças circulares como recurso de trabalho de grupo.

Após se sentar em roda, o grupo, em nossa perspectiva, teria estabelecido um vínculo grupal significativo, de identificação, ou seja, um ambiente favorável e facilitador para a expressão dos produtos do inconsciente, do verdadeiro *self* por meio do movimento livre. Nesta etapa, de modo similar ao analista que pede a seu paciente que expresse tudo que vier à mente de forma livre e sem julgamentos, solicitamos que cada participante se expressasse livremente por meio de gestos e movimentos escolhidos pelo próprio participante. Diferentemente de dançar/movimentar em frente a estranhos, a identificação e o vínculo de confiança forneceu aos membros um espaço facilitador para brincar e criar. Deste modo, um a um, cada participante, utilizando de recursos próprios e de sua linguagem gestual, associou livremente sobre o conjunto de angústias e ansiedades que vivenciavam, seja no contexto acadêmico ou em sua vida fora da universidade. Dissemos, como mediadores, que o gesto produzido não seria submetido a qualquer julgamento ou avaliação em sua qualidade técnica, pois alguns participantes já tinham vivências em danças diversas, mas nos interessava que o movimento pudesse representar os conteúdos emocionais vivenciados.

Observamos 25 formas diferentes de gestos e movimentos que foram dançados e encenados. Cada a qual a sua maneira, os participantes comunicavam, por meio da linguagem gestual da dança, os conflitos inconscientes subjacentes que estavam vivenciando. Alguns se deitavam no chão em posição fetal, talvez como gesto inconsciente de seu sentimento de insegurança, outros rodopiavam por entre os membros como se estivessem demonstrando confusão em meio as suas incertezas, outros se moviam de um lado do círculo para o outro expressando sua rígida realidade acadêmica em meio a prazos e noites sem dormir. Após a expressão em dança livre, cada participante associou livremente, em formato de fala, sobre o conteúdo que

havia dançado e relatou de que modo o experienciou. Nesta verbalização, muitos compreenderam o processo ansioso no qual estavam inseridos de forma inconsciente, outros refletiram sobre as práticas que os levavam a entrar em extremo estado de angústia. De outro modo, além da identificação do possível estado de adoecimento, os membros relataram que encontraram na atividade com dança livre uma via possível para se expressar livremente. Neste sentido, acreditamos que, em termos técnicos, a utilização da dança no processo psicoterapêutico, neste caso de grupo, pode ser um instrumento expressivo interessante por possibilitar uma experiência criativa do *self* no espaço potencial, pois como nos mostrou Winnicott (1999), o contexto de saúde emocional se dá por meio da criação em um ambiente facilitador. Em seu oposto, pela submissão, o *self* sofreria com o temor da desintegração e destruição de si, o adoecimento (Winnicott, 1960/1983).

Para finalizar, consideramos que a dança livre, como demonstrou nossa experiência, poderia ser uma importante forma de emersão do verdadeiro *self* e para manifestação do gesto espontâneo. Nestes símbolos gestuais, ou fenômenos transicionais, que se relacionam com os conteúdos de ordem inconsciente, os indivíduos poderiam encontrar formas de associar livremente, no sentido psicanalítico do termo, facilitando ao *self* uma experiência criativa no espaço potencial. Sabe-se que o processo psicoterapêutico não se dá em uma única sessão, entretanto ressaltamos sobre os ganhos psíquicos que um único atendimento psicológico pode ressoar na vida emocional dos indivíduos. Porém, em nosso caso, após a finalização das atividades e fechamento do grupo, ressaltamos a importância da continuidade do trabalho em psicoterapia individual e realizamos indicações para aqueles que não estavam em atendimento.

Considerações finais

A dança encontra-se no rol de atividades artísticas disponíveis desde o surgimento da humanidade. Por meio desta linguagem gestual, a comunicação se dá, na realidade objetiva, pela ordenação dos movimentos e intenções corporais. Em termos de realidade psíquica, a escolha das intenções corporais, tema, sentidos e significados dados em cada símbolo gestual, opera-se mediante a associação livre de conteúdos inconscientes que podem ser representados no gesto. De outro lado, a dança poderia ser incluída no espaço potencial, onde se encontram os fenômenos transicionais. Nesta área, a atividade lúdica na dança seria como o brincar, no âmbito de grupo ou individual, favorecendo a experiência do *self* com o processo criativo e, consequentemente, o sentido de viver. Portanto, promoção de saúde mental.

Lebramos que, como demonstramos em nosso relato, é importante que o meio facilite a busca do *self* dos indivíduos no ato criador, autorizando e promovendo meios para que a verdadeira face da personalidade se apresente. Nota-se que, em todo o processo, um dos fatores essenciais para o desenvolvimento do atendimento refere-se ao estabelecimento do vínculo confiável, seguro e de relaxamento para a atividade do brincar. Os desdobramentos psíquicos encontram-se na possibilidade de acesso à terceira área de vivência do *self*, neste meio, processos emocionais podem ser elaborados e integrados.

A dança, neste contexto, atua como um instrumento artístico por meio do qual se pode vivenciar o brincar e o verdadeiro *self*. Porém, seu manejo psicoterapêutico deve ser realizado por profissionais do campo “psis”, pois, embora a dança tenha se apresentado como importante via de acesso à vida emocional, nos interessa a leitura, interpretação e inferências que podem ser

produzidas em meio à linguagem inconsciente transcrita na dança. Para tanto, é preciso que o profissional esteja suficientemente habituado com o traquejo da transferência e contratransferência.

Referências

- Brasil, Ministério da Saúde. (2016). *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2001*. Conselho Nacional de Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Castanho, P. (2017). Um olhar psicanalítico sobre o uso das danças circulares como instrumento de trabalho com grupos. *VÍNCULO – Revista do NESME*, 14(2), 70-83. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v14n2/v14n2a09.pdf>.
- Cecarelli, P. R. (2012). Considerações sobre pesquisa em psicanálise. In Melo, P., E. & Júnior, M. D. (Org.). *Psicologia Clínica: diálogos contemporâneos* (pp.137-146). Belo Horizonte: CRV.
- Dutra, R. E. & Sei, M. B. (2018, dezembro). O brincar na aula de ballet clássico de adultos: apontamentos winniciotianos. *Anais do I Congresso do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEL*, Londrina, PR, Brasil. Recuperado de <http://anais.uel.br/portal/index.php/ppgpsi/article/view/238>.
- Enriquez, E. (2005). Psicanálise e Ciências Sociais. *Revista Ágora*, 3(2), 153-174. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000200001>.
- Freud, S. (2011). Psicanálise e teoria da libido. In Freud, S. *Obras completas, psicologia das massas e análise do eu e outros trabalhos* (15, pp. 273-308). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto Originalmente publicado em 1923).
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisa Psicanalítica. *Revista Ciência e Cultura*, 56(4), 25-28. Recuperado de <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v56n4/a14v56n4.pdf>.
- Lima, D. M. & Silva-Neto, N. A. Danças brasileiras e psicoterapia: um estudo sobre efeitos terapêuticos. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(1), 41-48. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000100006>.
- Lima-Costa, M. F. & Barreto, S. M. (2003). Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 12 (4), 189-201. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742003000400003>.
- Marbá, F. R., Silva, G. S. & Guimarães, T. B. (2016). Dança na promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida. *Revista Científica do ITPAC*, 9(1), 1-9, 2016. Recuperado de https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/77/Artigo_3.pdf.
- Ossona, P. A. (1988). *Educação pela dança*. São Paulo: Summus.
- Valdivia, M. E. (2010). A psychoanalytic perspective of endings in therapy: A dance movement psychotherapy case study. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 5(1), 75–87. <https://doi.org/10.1080/17432971003593971>.
- Vermes, K. & Incze, A. (2012). Psychodynamic Movement and Dance Therapy (PMDT) in Hungary. *Body, Movement and Dance in Psychotherapy*, 7(2), 101–113. <https://doi.org/10.1080/17432979.2011.557890>.
- Winnicott, D. (1983). Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro self. In Winnicott, D. *O ambiente e os processos de maturação* (pp.128-139). São Paulo: Martins Fontes. (Texto originalmente publicado em 1960).
- Winnicott, D. (1975). *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Winnicott, D. (1999). O Conceito de indivíduo saudável. In Winnicott, D. *Tudo Começa em Casa* (pp.3-22). São Paulo: Martins Fontes. (Texto originalmente publicado em 1967).